

## REPORTAGEM ESPECIAL



Maria da Penha Ferreira lançou mão de uma alternativa para não ter de ir "ao matinho": instalou um vaso dentro do cômodo onde mora, ao lado da pia

# EXCLUÍDOS ELES VIVEM SEM BANHEIRO

No Estado há 4,6 mil moradias nessa condição

CLÁUDIA FELIZ  
cfeliz@redgazeta.com.br

Num cômodo com cerca de 12 metros quadrados, no alto do Morro do Macaco, em Vitória, um casal reúne tudo do pouco que tem: cama, fogão, uma pequena geladeira, rádio, roupas e utensílios. Nesse mesmo espaço, sem divisão interna, fica também uma pia e, pasmem, um vaso sanitário, escondido estrategicamente atrás de um tanquinho plástico, motivo de orgulho da dona da casa Maria da Penha Ferreira, 46 anos.

Aquele vaso sanitário sem nenhuma privacidade foi a forma encontrada pe-

la mulher para suprir uma carência básica: sua casa não tem banheiro. Realidade contrastante num país com mais de 200 milhões de telefones celulares e de quase 80 milhões de computadores em uso.

## DE CANEQUINHA

Na hora do banho, Maria da Penha e o marido jogam água sobre seus corpos perto da pia do que seria a sua cozinha. Ah, os dejetos do vaso descem por um cano pela ribanceira do morro, sem esgotamento sanitário. Retrato sem retoques da exclusão social vivida pela família, que aguarda por uma re-



Nelcina Messias mora em apenas dois cômodos

moção, a ser feita pela Prefeitura de Vitória.

Mas a dona de casa não está sozinha nessa situação deprimente. A seu lado, uma vizinha mora nas mesmas condições, reafirmando o que revela o Cen-

so 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): no Espírito Santo, 4.625 moradias não têm banheiro nem esgotamento sanitário.

Somente na Região Metropolitana da Grande Vi-

tória, composta de sete municípios, 1.090 imóveis têm o mesmo perfil. O maior número — 376 deles — está em Cariacica.

## POBREZA EXTREMA

No mesmo Espírito Santo, onde mais de 126 mil pessoas são consideradas extremamente pobres — segundo o governo do Estado, esse é o número de capixabas que vivem com menos de R\$ 78 por mês —, 12.741 imóveis servem-se de água de poço ou nascente na Região Metropolitana.

Outros 585 imóveis não dispõem de energia elétrica, e 14.355 dão ao lixo

doméstico outro destino que não a coleta domiciliar, feita pelos caminhões, a serviço das prefeituras.

## NA PORTELINHA

Muitos dessa parcela de excluídos vivem de "bicos" e, na Capital, ocupam áreas de risco geológico ou de interesse ambiental. Em Cariacica, que lidera também em número de imóveis onde o lixo tem outro destino — queima, depósito em buraco no fundo de quintal ou lançamento em áreas baldias —, é fácil encontrá-los nas chamadas invasões, como a Portelinha — reprodução do nome de uma favela fictícia de uma antiga novela da Globo.

A Portelinha fica colada ao bairro Padre Gabriel. Ali, localizamos Vagnelia Barbosa Lopes, que aos 24 anos já é mãe de Clarisse, 8, Henrique, 5, Ana Clara, 4, e Ana Caroline, 3 meses. Duas dessas crianças garantem a Vagnelia — seu marido que vive de bicos e não recebe nem R\$ 400,00 —, o benefício do Bolsa-Família.

Oficialmente sem redes de água e energia — na prática, garantidos, com irregularidade, por meio de "gatos", como são chamadas as ligações clandestinas —, os Lopes são a imagem da pobreza e da falta de perspectiva de mobilidade social.

A casa sem esgotamento sanitário, feita de madeira velha — na realidade, restos de tapume de obra de construção civil, repleta de frestas por onde entram vento,

**Vida dura**

Na casa de Vagnelia e dos filhos - Henrique, Ana Clara, Clarisse e Ana Caroline -, não há esgotamento sanitário. **FOTO: Fábio Vicentini**

chuva e insetos - tem piso de terra e um cômodo, chamado de banheiro, que ameaça desabar. Um buraco na parede, em frente ao vaso, permite ver a rua.

Sem coleta de lixo, resíduos são lançados em qualquer lugar. Sem filtro, todos na casa consomem a água de torneira. E, por isso mesmo, não são poucos os casos de diarreia. A Portelinha tem o visual e o cheiro típicos do abandono.

**HERANÇA**

O secretário de Desenvolvimento, Urbanismo e Habitação da Prefeitura de Cariacica, Ricardo Vereza, define como herança "da falta de zelo e atenção do poder público" o cenário visto em zonas especiais de interesse social, áreas muito carentes da periferia da cidade, como parte de Nova Canaã, Porto Novo e Bairro Operário, onde são realizadas obras de urbanização.

Em Padre Gabriel, ele diz que a prefeitura constrói 111 casas para atender famílias que estão em área de risco, mas que para a Portelinha ainda não há solução, assim como acontece no bairro JK, que só agora começa a receber água da Cesan. A prefeitura, segundo Vereza, desapropriou uma área recentemente e planeja urbanizá-la, mas o município tem muita carência.

Atualmente, 12 mil famílias estão cadastradas no programa Minha Casa

Minha Vida, do governo federal, mas as obras não podem ser executadas porque, segundo Vereza, não há terra com água e esgoto viabilizados. "Esperamos que o governo do Estado nos apoie nessa área", reivindica ele.

**RISCO**

Em Vitória, a prefeitura admite que existem 500 famílias ocupando áreas de risco geológico ou de interesse ambiental. Gente como a faxineira Zilda Alves e a própria dona de casa Maria da Penha Ferreira, lá no alto do Morro do Macaco, lugar de triste memória, onde 40 pessoas morreram e outras 150 ficaram feridas num deslizamento de terra na década de 1980.

Dona Zilda, que recebe

R\$ 350,00 por mês, mora com uma neta de 11 anos, beneficiada pelo Bolsa-Família, numa casa com piso de terra batida onde água e luz só chegam por causa dos "gatos". "De vez em quando, alguém pisa num cano ou corta um fio, e todo mundo fica no escuro e sem o banho", diz ela.

No alto do Morro da Piedade, Nelcina Messias, 45, é outro exemplo dessa gente forte que desafia o perigo, morando em casebres em condições precárias. O que hoje é a casa de Nelcina, seus dois filhos e marido é parte do antigo Grupo Escolar Liserina Lyrio, que o presidente do movimento comunitário local, Benedito Siqueira de Oliveira, estima ter sido construído há bem mais de 50 anos.

A casa de Nelcina tem dois cômodos mínimos. O filho adolescente nem consegue permanecer ali, diariamente, porque o que funciona como quarto, minúsculo, dispõe apenas de uma cama beliche.

**CLANDESTINOS**

Na mesma construção, um irmão de Nelcina ocupa outro cômodo, restando lá no fundo um banheiro cheio de infiltrações.

Água e luz elétrica são clandestinos. O esgoto escorre pelo morro, onde boa parte dos moradores, inclusive o líder comunitário Benedito, não dispõe de rede de captação.

Ele explica que, na Piedade, ainda há 30 imóveis em área de proteção ambiental, muitos precários

como o de Nelcina, e que moradores aguardam por remoção a ser feita pela prefeitura. Outros 20 já foram retirados e têm aluguéis sociais pagos pela municipalidade.

**TERRA**

Coordenadora do Projeto Terra Mais Igual, da Prefeitura de Vitória, iniciado em 1998, Margareth Batista Saraiva Coelho explica que em seis polígonos da cidade há ainda 38 moradias sem banheiro e 359 com banheiros insalubres. O projeto constrói módulos com sanitário, pia de cozinha e tanque, além de garantir melhorias no abastecimento de água e do padrão de moradia, substituindo casas de madeira por alvenaria, por exemplo.

Famílias são recadastradas com base em um plano que avalia grau de risco geológico ou restrição ambiental. Bem no alto da Fonte Grande, num local conhecido como campinho, há 40 famílias que se enquadram nesse perfil. Algumas usam água de nascente.

Atualmente, Vitória tem cerca de 700 famílias beneficiadas por aluguel social, que lhes garante até um salário mínimo mensal. De 1998 até maio deste ano, foram investidos R\$ 141.162.385,26 no Projeto Terra. Mas ainda serão necessários muitos reais e tempo para o cenário da cidade ser mudado.

**EXCLUSÃO****Região Metropolitana****Sem banheiro/ esgotamento sanitário****Sem energia elétrica****Lixo (outro destino)**

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem

**16,27 milhões** de pessoas em situação de extrema pobreza, o que representa

**8,5%** da população. Desses,

**4,8 milhões** têm renda nominal mensal domiciliar igual a zero, e

**11,43 milhões** possuem renda de

**R\$ 1 a R\$ 70**

**Estado sem desenvolvimento**

◀ O professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Roberto Garcia Simões, especialista em Políticas Públicas, lembra que, embora o Espírito Santo seja a 11ª economia do país, os números da pobreza extrema revelam que o modelo do Estado continua não sendo de desenvolvimento, mas de crescimento econômico.

Os "sem banheiro", os "sem luz", os "sem água" e os "sem esgoto" não estão incorporados à cidadania, diz Simões, citando a letra de uma das músicas de

Gonzaguinha para dar a dimensão da exclusão no país, onde falta esgoto e sobra telefone celular: "A maravilha eletrônica não resolveu a fome crônica".

**PROCESSO**

Ele também ressalta a importância de se interromper o processo "pai pobre, filho pobre", como forma de mudar o quadro atualmente registrado, dando aos mais pobres mais e melhores condições de acesso à Educação, Saúde, uma política habitacional adequada e

inclusão produtiva.

Simões não deixa de admitir que, nos últimos anos, houve grande migração de pessoas das classes D e E - a classe C tem renda per capita que varia de R\$ 250 a R\$ 1 mil -, mas lembra que é preciso um programa para tirar pessoas mais pobres do Bolsa-Família.

"No mínimo, promover um equilíbrio dos que entram e dos que saem dela", argumenta, citando como exemplo positivo nessa área o Chile, que garante às pessoas forma de inclusão produtiva.